

## **PÃO, CIRCO E LUTA: MOBILIZAÇÕES DOS TRABALHADORES DA CULTURA E ARTE NA PANDEMIA DE COVID-19 NO BRASIL**

**Simone da Silva Ribeiro Gomes<sup>1</sup>**

O ano de 2020 ficará marcado pelas estratégias de saúde pública relativas à Covid-19 em todo o mundo – baseadas na Organização Mundial de Saúde (OMS) – convergentes na necessidade de um *lockdown*, insuficientemente seguido no Brasil. Dentre os setores mais afetados pela proibição de aglomerações, destaca-se o setor cultural<sup>2</sup>, que já acumulava cortes financeiros e disputas políticas.

O texto versa sobre formas de mobilização do setor de Cultura e Arte no Brasil como um setor particularmente afetado com a crise sanitária. Seu objetivo é apresentar a incipiente mobilização coletiva do setor cultural no Brasil deflagrado pela pandemia de Covid-19, e discutir a utilização de um repertório de mobilização com a consigna da *sobrevivência*. No contexto latinoamericano, o país possui um papel expressivo no setor audiovisual, fotográfico e musical, apesar da atual gestão do governo federal questionar a prescindibilidade da cultura em contextos de crise.

O referencial teórico utilizado conta com reflexões advindas da teoria dos movimentos sociais, como Tilly (2000), McAdam (1992) e Mcadam, Tarrow e Tilly (2003), e também dos estudos sobre arte e desigualdade, como Bourdieu (2000) e (Huizinga, 2014). A metodologia utilizada foi qualitativa, com uma revisão bibliográfica seguida de um questionário *online* autoaplicado em trabalhadores do setor cultural no Brasil. Com 29 perguntas abertas e fechadas, o mesmo permaneceu online durante 45 dias e obteve 168 respostas de trabalhadores de todo o Brasil. As respostas são unânimes em considerar a área como

---

<sup>1</sup> Socióloga. Mestre em Sociologia pela Université Paris 7 – Diderot e Doutora em Sociologia pelo IESP-UERJ. Professora do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e do programa de Pós Graduação em Sociologia da UFPel.

<sup>2</sup> O setor musical, por exemplo, foi particularmente afetado. Dentre outras, a banda de rock inglesa *Anathema* anunciou seu fim nas redes sociais em razão das dificuldades financeiras ligadas à pandemia.

particularmente afetada pela pandemia e apresentam algumas alternativas de organização dos atores no contexto excepcional deflagrado pela pandemia.

O artigo aborda o cenário cultural no Brasil e a constituição de um campo de luta em um contexto de crise, como iniciativas governamentais excepcionais de fomento, que incluem um Projeto de Lei para auxílio do setor, além da mobilização dos artistas. As bases de um movimento *da* e *pela* cultura são discutidas, subsequentes às reflexões sobre a imprescindibilidade da arte.

### **Breve histórico da institucionalidade cultural no Brasil**

A polissêmica cultura pode ser entendida como modos de vida, saberes, crenças e expressões individuais, que, no geral, compartilham suas formas mais tradicionais de identidades e atuam distintamente, em relação à abertura e às transformações. Dessa abrangência decorre que frequentemente a noção é objeto de controvérsias (Silva, Vieira e Franco, 2019).

As políticas culturais no Brasil são marcadas pela expansão de instituições autônomas, como a Biblioteca Nacional, fundada em 1910, o Instituto Nacional de Patrimônio Histórico (Iphan) em 1937 e a Fundação Nacional de Artes (Funarte). O Ministério da Cultura foi fundado em 1985 e foi formalmente extinto em 2016. Ele foi posteriormente reincorporado ao Ministério da Educação, e na gestão do presidente eleito em 2018, Jair Bolsonaro, teve suas atribuições integradas ao recém-criado Ministério da Cidadania, junto ao Ministério do Esporte e do Ministério do Desenvolvimento Social. Posteriormente, a Secretaria Especial da Cultura foi transferida para a pasta de Turismo. Nesta última etapa, foi palco de um escândalo do secretário titular, o dramaturgo Roberto Alvim, logo exonerado, após publicação de um vídeo com uma referência explícita ao nazismo. Na gestão atual foram cinco trocas de liderança, até o atual, o ator Mario Frias, recebido com muitas críticas pelos trabalhadores do setor.

Precarização e desmonte são adjetivos comuns utilizados pelos trabalhadores do setor para descrever as políticas da Secretaria, que, passados dois anos de nova gestão, ainda possui importantes quadros vagos. Desde 2018, a Agência Nacional do Cinema (Ancine) sofreu cortes sistemáticos, sobretudo em suas ações de fomento, com a descontinuação de suas políticas, como comenta Tadeu, 50 anos, de Santa Catarina, do setor audiovisual: “A Ancine está paralisada desde 2018. O setor dispõe do FSA (Fundo Setorial do Audiovisual), que é alimentado pela Condecine, contribuição paga pelo próprio setor, é absurdo que estes mecanismos estejam sendo desmontados”.

Em agosto, em meio à pandemia, foi anunciada a demissão em massa dos funcionários da Cinemateca Brasileira e seu fechamento pela mantenedora da Fundação. A mesma é responsável pela preservação e difusão da produção audiovisual brasileira, com o maior acervo da América do Sul, cerca de 250 mil rolos de filmes e 2.300 títulos de revistas em sua

Biblioteca. Os enxugamentos e extinções são emblemáticos em uma Secretaria que arrola fomento a projetos, programas, bolsas e prêmios.

Todos estes fatores considerados, era esperado que o setor da Cultura sofresse um impacto com o isolamento social, ainda que este não tenha sido seguido à risca no país, com um dos menores índices de isolamento na América Latina<sup>3</sup>. A inevitabilidade de aglomerações fez com que fossem suspensas atividades preventivamente, desde março, com o fechamento de cinemas, museus, teatros e outros espaços de circulação intensa de pessoas. A repercussão sofrida, segundo os trabalhadores do setor cultural que responderam ao formulário *online*, é que:

O setor depende basicamente de aglomerações para funcionar (mesmo as pequenas) sendo um dos primeiros a parar e possivelmente o último a retornar. Com isso a maioria dos trabalhadores foram afetados. De todo o setor inclusive, de artistas aos técnicos. A migração de eventos culturais para o ambiente online ou *drive-in* (principais tendências de eventos como alternativa à pandemia) reduziu a difusão cultural em relação à acessibilidade. A cultura tornou-se mais elitizada. Grande parte de um público carente de acesso a cultura não possui acessibilidade digital ou carros para frequentar os eventos em *drive-in* (Carla, 32 anos, Minas Gerais, audiovisual).

Se o impacto econômico era esperado, as respostas de atores tão heterogêneos foi distinta, variando de apelos à fome dos trabalhadores até uma maior organização de membros com mais recursos. No primeiro caso, alguns artistas divulgaram suas dificuldades com pedidos de ajuda financeira que incluíam a venda de seus instrumentos e objetos de seu acervo pessoal, com maior ou menor sucesso segundo sua notabilidade. Nesse sentido, os trabalhadores do setor apontam que:

A arte localizada ou independente como um todo já ultrapassa uma crise de presença de público, tendo que competir com a presença de agentes com muito mais e muitos outros recursos, além da marginalização da classe por parte das entidades governamentais e privadas. Um período de isolamento social apenas serve para fortalecer estes agentes já estabelecidos e levar trabalhadores e trabalhadoras independentes da cultura ao maior apagamento (Raul, 23 anos, Rio Grande do Sul, audiovisual)

Esta discussão traz à tona a ideia, frequentemente negligenciada, de sustento econômico dos trabalhadores do setor. Se os meios de comunicação veiculam a alta rentabilidade de parte do mercado das artes, o universo artístico costuma omitir os valores das obras, não raros os comentários de que esta atividade não deve ser feita visando lucro, mas por paixão, abordados na construção do campo artístico de Bourdieu (1974). Os artistas então exerceriam múltiplas atividades profissionais para seu sustento econômico (Marcondes, 2018). A prescindibilidade da cultura pode também ser discutidas, em paralelo ao caráter lúdico do jogo (Huizinga, 2014). Às perguntas sobre a função biológica deste dentro da cultura, o autor afirma serem inócuas, dado que seu fim é em si mesmo, um elemento de tensão, alegria e divertimento. Para Bourdieu (1998), o sistema cultural de fatos, valores e representações é

<sup>3</sup> <https://observatorio3setor.org.br/noticias/brasil-e-o-pais-da-america-latina-que-menos-respeita-o-isolamento-social/> Acesso em 25 de agosto de 2020.

um objeto crucial das Ciências Humanas, a partir de duas vertentes: uma que reflete sobre sua simbologia (mito, arte, linguagem) como forma de comunicação e conhecimento e outra, na qual esta é instrumento de poder e legitimação da ordem vigente.

### **Entre editais e *hashtags*: a formação de um campo de luta**

A utilização de repertórios de movimentos sociais é historicamente instrumentalizada por diferentes setores da população, que inclusive não se enxergavam como ativistas em ações coletivas (Gomes, 2019). O conceito de repertório (Tilly, 2000), aparece em uma diversidade de formas de fazer política em um dado período histórico, que pode ser modificada com o passar dos anos. Para o autor, estes incluem padrões espaço-temporais determinados, nos quais as pessoas dispõem de um número específico de meios para serem ouvidas, logo, os utilizam com maior regularidade. Tilly afirma que a pobreza e o desemprego não seriam condições suficientes para a deflagração de protestos, mas sim a consideração da matriz de relações políticas nas quais os movimentos se inserem, assim como suas lutas prévias e respostas estatais a esses.

O que observamos da situação deflagrada com a pandemia de Covid-19 e o subsequente isolamento e dissuasão de aglomerações foram mobilizações de apoio ao setor cultural. Assim, 83% dos trabalhadores do setor participaram em alguma iniciativa<sup>4</sup> cujo mote era ligado à Arte e Cultura, e 84% manifestou o desejo de participar em uma manifestação por tais causas. Adicionalmente, iniciativas privadas, administradas por organizações estrangeiras, surgiram como uma alternativa ao setor de produção cultural. Os editais, portanto, são uma forma consensuada de sobrevivência e organização dos trabalhadores do meio, como comenta Cristina, 34 anos, do Paraná, trabalhadora do setor de audiovisual e artes visuais: “no audiovisual sei que existem grupos que pressionam o governo do estado pela existência/manutenção/abertura de editais específicos para este setor”. Mas estes devem ser pensado como “alternativas que não sejam apenas editais públicos para a sobrevivência dos artistas. Os editais devem e precisam continuar e se ampliar, mas é preciso pensar também em outras maneiras”, segundo Marília, 28 anos, São Paulo, do setor audiovisual.

Em junho, a necessidade de um auxílio financeiro foi endereçada na proposta de Lei Aldir Blanc<sup>5</sup> 14.017/2020, que previa um repasse de R\$ 3 bilhões a estados e municípios para

---

<sup>4</sup> As opções do nosso formulário incluíam a assinatura de um abaixo assinado ou Manifesto, o acompanhamento de *lives* que tratam da situação dos trabalhadores da Arte e da Cultura; pressionar o governo federal pela assinatura da Lei Aldir Blanc 14.017/2020; participação de uma vaquinha *online*; Participei de um protesto; postar em redes sociais coisas relativas à temática; participar e divulgar cestas básicas para os trabalhadores do setor; promoção de debates acerca das dificuldades enfrentadas pelo setor; construção de redes de financiamento financeira para redes de financiamento/captação para sustentação dos artistas afetados e contribuição com o trabalho para angariar fundos para redes de apoio aos artistas afetados.

<sup>5</sup> Aldir Blanc foi um importante músico, letrista e compositor brasileiro, que faleceu no começo de maio de 2020, em decorrência de Covid-19.

os trabalhadores do setor cultural. O fundo<sup>6</sup>, gerido pelos estados, prevê três parcelas de um auxílio emergencial de R\$ 600 mensais para os artistas, além de um subsídio para manutenção de espaços artísticos e culturais e empresas culturais, cooperativas e organizações comunitárias. É emblemático que 40% dos respondentes ao formulário tenha manifestado interesse em aplicar para este edital, em sua maioria com projetos individuais. Ainda assim, há uma crítica à forma como a sobrevivência de trabalhadores do setor está ligado aos editais:

É algo fora da realidade para alguns estudantes e profissionais do meio artístico e cultural, visto que a maioria de nossa renda vem de apresentações, mesmo que em locais abertos, necessitando de público para sobreviver, e ainda tendo algumas deficiências e dificuldades em conseguir utilizar dos meios digitais para a promoção de possíveis atrações (Teresa, 24 anos, Rio de Janeiro, trabalhadora do setor de folclore e cultura popular).

### Mapa 1. Brasil



Fonte: IBGE, Diretoria de Geociências

Quando a proposta surgiu, os estados já tinham uma organização mínima prévia para o *socorro* da classe artística com diferentes iniciativas, ilustrado por 37% dos respondentes já receberem algum Auxílio Emergencial federal, estadual ou municipal no período. Em Minas Gerais, a Secretaria de Estado de Cultura e Turismo de Minas Gerais (SECULT) lançou o edital “Arte Salva”, para vídeos de expressão cultural em ambiente virtual. Adicionalmente,

<sup>6</sup> Publicado no Diário Oficial da União no dia 30 de junho, para aplicação durante a pandemia, corroborado por várias instâncias e organizações, como o Fórum Nacional dos Secretários e Dirigentes Estaduais de Cultura.

em Uberlândia, o movimento ‘Cultura luta’ foi criado para distribuir cestas básicas para artistas da região, a partir de um cadastramento dos trabalhadores do setor. No Paraná, alguns editais foram lançados pela Secretaria de Cultura, para selecionar propostas artístico-culturais inéditas para apresentações em plataformas digitais e promoveu audiências públicas, como a Audiência Pública da Comissão de Educação, Cultura e Turismo de Curitiba, para discutir os procedimentos. Em Foz do Iguaçu, músicos organizaram uma manifestação em uma praça, para retornar ao trabalho em bares locais, com o slogan “música é trabalho”. Em Vitória, no Espírito Santo, o projeto “Arte em casa”, buscou selecionar propostas artísticas para apresentação visuais, em múltiplas áreas. Em Dourados, no Mato Grosso, projetos foram selecionados a partir de um edital vídeos produzidos pelo setor cultural.

No Ceará, a SECULT junto ao Fundo Estadual de Cultura (FEC), disponibilizou um edital para os artistas em uma programação *online*, de shows e espetáculos virtuais, com o apoio a 400 projetos, nas áreas de Fotografia, Humor, Literatura, Música, Moda, Gastronomia Popular, Artes Visuais e outras. Em São Paulo a mobilização virtual dos técnicos nos perfis da rede social *Instagram*, em agosto, se organizavam com a demanda de “Cadastro já”, uma menção à Lei Aldir Blanc, e uma cobrança para que os gestores, prefeitos e vereadores agilisassem o financiamento.

No Rio de Janeiro, local de centralidade na produção e financiamento cultural do país, algumas iniciativas desde o começo do ano incluíram o manifesto “A Cultura Não Pode Parar”<sup>7</sup>, de pressão ao governo federal para a aprovação da renda mínima emergencial para empreendedores solidários e culturais. Ademais, os artistas buscaram sancionar o PL 2141/2020, de fomento emergencial para os pontos de cultura durante a pandemia. A Frente Cultura RJ e a #Culturãonãopodeparar foram outras ações surgidas no estado. Outra iniciativa legislativa de destaque foi o Projeto de Lei 1821/2020, que instaura uma renda emergencial para trabalhadores da cultura, propõe editais, e certifica o pagamento de contratos já pré-aprovados.

A articulação sob o slogan SOS foi um repertório utilizado pelos artistas circenses, com o pedido de alimentos às famílias. A Carta Aberta de Manifesto-RJ<sup>8</sup>, entregue ao Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões do Estado do Rio de Janeiro (SATED), buscava soluções para prestadores de serviços e executores de projetos propostos por terceiros, em regimes de trabalho intermitente, logo, impossibilitados de propor projetos culturais. Essa distinção não é menos importante, mas denota uma hierarquia no setor que acessa às verbas e mercados simbólicos por parte de alguns artistas. Em Niterói, no Rio de Janeiro, o edital “Arte na Rede”, foi lançado para selecionar propostas artístico-culturais de apresentação em plataformas digitais.

<sup>7</sup><https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSfzk78bO5fecPqkhJjKbiNQZ1H52NovyMvBnQqxJLT8C2A1ww/viewform>. Acesso em 25 de agosto de 2020.

<sup>8</sup>[https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSdKTmJbYjYvqZM4YWocLOa\\_T0UQA2Fml1OA4lCKwiIgdO4DBw/viewform](https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSdKTmJbYjYvqZM4YWocLOa_T0UQA2Fml1OA4lCKwiIgdO4DBw/viewform) Acesso em 25 de agosto de 2020.

Uma ação virtual, o Não Fest, cujo *slogan* “Pode não haver shows, mas há união e solidariedade” foi veiculada no *Instagram*, com arrecadações e a singularização de profissionais do *backstage*. Outra iniciativa similar é o Fundo de Apoio montado pelo grupo “Hardcore contra o Fascismo”, iniciado em 2018, a partir de um cadastro de bandas e coletivos que receberam um apoio básico.

Os abaixo-assinados também foram frequentes, como o proposto pelos trabalhadores da cultura, com o pedido de aprovação do PL nº 1821/2020, para auxílio financeiro temporário às micro empresas<sup>9</sup>. As *hashtags*, repertórios frequentes nas ações coletivas contemporâneas, também foram bastante utilizadas, notadamente pelos trabalhadores do audiovisual que não acessam diretamente os editais de audiovisual lançaram. Para Carla, 32 anos, Minas Gerais, trabalhadora do audiovisual: “Durante a pandemia praticamente parte dos estados criou campanhas como a “Salve a Graxa” que destina recursos (principalmente cestas básicas) aos técnicos do setor”. Nas mídias sociais, observamos uma tentativa de chamar a atenção a partir de ideais como *Backstage invisível*, que versam sobre a distribuição de cestas básicas para trabalhadores do setor.

Exceção em meio às onipresentes *hashtags*, um protesto ocorreu em agosto no Rio de Janeiro, proposto pelos técnicos da cultura, emblemático por tornar seu sofrimento visível à luz da crise sanitária presente. Essa categoria buscou chamar a atenção dado que não acessam diretamente os editais, e frequentemente eram contratados pelos proponentes com projetos aprovados, logo não contemplados pela Lei Aldir Blanc. Já em Belo Horizonte, técnicos de som realizaram um protesto com suas ferramentas de trabalho, com a manutenção do distanciamento e máscara, vestidos em camisas pretas, nas quais se lia “Precisamos de ajuda”.

### **O dever movimento (social)**

O conceito de movimentos sociais é polissêmico, mas em linhas gerais versa sobre a coletividades emergentes no século XIX e uma delineação de confrontos políticos coletivos e assimétricos (Tilly, 1978). Desde a década de 1960, se considera estes frente a movimentos societários mais amplos, como a economia, política e cultura. Assim, suas formas e demandas estariam ligadas aos seus momentos históricos específicos.

Ainda pouco entendida como uma forma de movimento, a cultura foi trabalhada como a forma das mobilizações (Gomes, 2020; Machado, 2020; Sant’anna, Marcondes e Miranda, 2017) e conteúdo destas (Grunvald, 2019; Frugoli Jr, 2018). No primeiro caso, considera-se a arte-ativismo ou artivismo, inspirada nos movimentos e eventos contestatórios desde os anos 1960, designando a arte da cultura digital ativista, a *net art* e o *hacktivismo*, de modo a disseminar contestações de interesse coletivo.

<sup>9</sup> <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2247975> Acesso em 18 de outubro de 2020.

Argumentamos que há iniciadores dos movimentos (McAdam, 1992 e Mcadam, Tarrow e Tilly, 2003), em que muitas vezes a abertura de oportunidades políticas é feita por mobilizações que assumem a vanguarda, e outros ativistas aproveitam. Assim, as ações coletivas no contexto da pandemia, no Brasil, tiveram nos dois dias de greve dos trabalhadores de aplicativos (#Brequedosapps) uma inspiração, que ganharam a mídia, talvez por compartilharem o que Ricardo, 38 anos, do Rio de Janeiro, músico, afirma: um trabalho “ainda gigantescamente informal”. De forma similar, Luis, 49 anos, de Rio Grande do Sul, trabalhador do audiovisual afirmou: “Os trabalhadores e gestores da cultura devem se atentar e atender outras pautas além da cultura, como uma ferramenta da sociedade como um todo, e não focar apenas no próprio meio cultural”. Para Livia, 27 anos, de Pernambuco, das artes visuais “existem redes de apoio interessantes, muitas vezes fragmentárias ou pontuais, mas tenho percebido uma articulação interessante na classe artística, principalmente entre coletivos com pautas mais identitaristas. O movimento negro tá bem organizado”.

Podemos observar em campos distintos as lutas protagonizadas pelos coletivos durante a pandemia de Covid-19. De artistas de maior proeminência no país, que iniciaram exposições em suas redes sociais, a artistas de proeminência recente que redicionaram parcialmente seus lucros para instituições beneficentes.

Adicionalmente, observamos mobilizações articuladas *ad hoc*, como a SOS Técnica-RJ, autodefinida Comissão dos Técnicos de Espetáculos do RJ, que em sua rede social *Instagram*, veiculou um Manifesto Público para a coleta de assinaturas e promoveu um ato, no Rio de Janeiro. Neste, as instruções para o encontro em frente à Prefeitura incluíram normas de segurança com distanciamento mínimo e uso de máscara e álcool gel e de camisas brancas e um varal de camisas pretas. A pauta principal é a inclusão da categoria na Lei Aldir Blanc, igualmente proposto pelo SOS Técnica São Paulo. Assim, como aborda Roberta, 60 anos, Rio de Janeiro, há uma participação que é “pontual, como agora por conta da lei Aldir Blanc. Em geral a categoria é muito dispersa. A dança, o setor do teatro comercial e os músicos são mais organizados; o circo agora começa a se estruturar mais”.

Além de ações tradicionais para os movimentos, como afirma Thiago, 33 anos, Rio de Janeiro, setor audiovisual: “No começo desta pandemia entrei na EDT-RJ (sindicato de editores do Rio de Janeiro) e considero que o sindicato está bem atuante. Promoveu encontros online, debates abertos ao público, cursos de formação”. Outras organizações convergem no uso de táticas extra-institucionais que subvertem a política convencional, como boicotes ou protestos, notadamente quando seu acesso a canais legítimos é negado (King, 2008). Observamos com menos frequência bandeiras flagradamente políticas, e aparece uma cena política incipiente, com organizações de quem pautam um debate de cunho social a partir de eventos cujo mote principal seja a cultura. A criação de um Fórum Popular Permanente de Cultura de Pelotas (Rio Grande do Sul), durante a pandemia, por exemplo, com “dois, três, quatro encontros semanais, articulando as mudanças necessárias no setor cultural envolvendo trabalhadores da Arte e da Cultura em diferentes setoriais”, é um exemplo de novidade em termos de articulação. Rafael, músico, do Rio de Janeiro dá uma pista sobre a ausência de



articulação, na qual “200, 300 anos pra cá não mudou muito o mercado, é de artesão, quem é ligado à elite consegue dinheiro, quem não depende de relações pessoais pra se inserir nos contextos onde rola grana”.

### ***Panem et circenses* : A cultura como pão, circo e sobrevivência**

A controversa política romana do *panem et circenses* é comumente lida como uma tentativa aristocrática de alienar a população, ao tornar exclusivo o interesse por comida, pão e divertimento (circo). Contudo, a cultura, lida como uma formação da alma por meio de formas objetivadas, caminhando para si mesma, segundo Simmel (Vandenbergue, 2019), não pode ser lida como menos relevante em um país. As evidências podem ser observadas nas respostas de alguns países como Alemanha, França e Bélgica à pandemia, que versam mormente sobre a inclusão de um auxílio aos trabalhadores do setor, o adiantamento dos seus financiamentos pré-aprovados e a criação de fundos de auxílio<sup>10</sup>.

Tendo em vista a grande quantidade de trabalhadores do setor cultural, em torno de 5.7%, no Brasil<sup>11</sup>, é importante localizar seus questionamentos como próprios da categoria trabalho, em que pese a alta taxa de informalidade que caracteriza o campo. Uma solução possível à luz das mobilizações contemporâneas é a institucionalização dos intermitentes do espetáculo, como ocorreu na França, em 2003. A sobrevivência do setor acabou sendo debatida em meio à politização dos auxílios emergenciais, em uma seara de desinformação sobre a qualidade e imprescindibilidade dos artistas no país.

O setor de Arte e Cultura é bastante amplo, segundo observamos no Mapa Cultural, disponível *online*<sup>12</sup>, com cerca de 83557 agentes cadastrados. Ao mesmo tempo, o secretário de cultura, Mario Frias, em conversa sobre a aprovação da Lei Aldir Blanc, menciona que os artistas querem “trabalhar”, e não “uma esmola de 600 reais”<sup>13</sup>. A oposição trabalho x sobrevivência é mal formulada atualmente no âmbito federal, de maneira a confundir a população sobre as necessidades materiais de um setor de grande contingente no país. A classe de trabalhadores da economia criativa no Brasil passou de 10 milhões de pessoas, em 2002, para 15 milhões em 2015, ainda que registre variações significativas internas no grupo dos profissionais que a compõem – e apesar de estarem longe dos 30% da força de trabalho nos EUA – devem ser encarados como significativos dentro da economia (IPEA, 2019).

No país que começou o ano com um chamado às propostas culturais de uma *arte heróica e nacional*, em uma semiótica sincrética de nazismo e cristianismo do Secretário de

<sup>10</sup> <http://anesp.org.br/todas-as-noticias/2020/5/22/covid-19-e-politicas-de-mitigao-para-o-setor-audiovisual-uma-comparao-internacional> Acesso em 28 de agosto de 2020.

<sup>11</sup> <https://biblioo.cartacapital.com.br/setor-cultural-emprega-57-dos-trabalhadores-brasileiros/> Acesso em 26 de agosto de 2020.

<sup>12</sup> <http://mapas.cultura.gov.br/> . Acesso em 25 de agosto de 2020.

<sup>13</sup> <https://noticias.uol.com.br/colunas/chico-alves/2020/06/29/deputada-rebate-mario-frias-que-chamou-auxilio-a-cultura-de-esmola.htm> . Acesso em 25 de agosto de 2020.

Cultura que logo veio ser destituído, revela um setor que agoniza<sup>14</sup>. É importante atentar para uma ideia de cultura que amplie as possibilidades discursivas e valorativas de políticas sociais, uma parte da estrutura de valores em que as sociedades escolhem viver (Dworkin, 2005).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre e MICELI, Sergio. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte – Gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DWORKIN, Ronald e BORGES, Luís Carlos. *Uma questão de princípio*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva, 2014.

FERNANDES, Dmitri. *Sociologia da Cultura no Brasil: Uma interpretação*. In: MARTINS, Carlos e MICELI, Sergio (Orgs). *Sociologia Brasileira Hoje*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2017.

FRUGOLI JR., Heitor. “Ativismos Urbanos em São Paulo”. *Cad. CRH*, Salvador, v. 31, n. 82, p. 75-86, 2018.

GOMES, Simone. “A cultura como alternativa: Uma aproximação a partir de sociabilidades militantes na Zona Oeste do Rio de Janeiro”. *Dilemas-Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, vol. 13, no 1, p. 57-76, 2020.

GRUNVALD, Vitor. “Lâmpadas, corpos e cidades: reflexões acadêmico-ativistas sobre arte, dissidência e a ocupação do espaço público”. *Horizontes Antropológicos*, 55 - 1, 263-290, 2019.

KING, Brayden. “A Political Mediation Model of Corporate Response to Social Movement Activism”. *Administrative Science Quarterly* Vol. 53, No. 3, *Social Movements in Organizations and Markets*, pp. 395-421, 2008.

MACHADO, Irene. “Experiências estético-dialógicas em arte-ativismo”. *ARS (São Paulo)*, Vol. 17, No. 37, p. 45-74, 2019.

McADAM, Doug. *Political Process and the Development of Black Insurgency, 1930-1970*. University of Chicago Press, Chicago, 1992.

McADAM, Doug, TARROW, Sidney, e TILLY, Charles. “Dynamics of contention”. *Social Movement Studies*, Vol. 2, no 1, p. 99-102, 2003.

---

<sup>14</sup> Referência a fala que levou à demissão do secretário veiculada na rede social *youtube*, em janeiro de 2020.

MARCONDES, Guilherme. “Arte e Sustento: Os jovens artistas e suas estratégias de sobrevivência”. *Horizontes ao Sul*, 2020. Disponível em: <https://www.horizontesaosul.com/single-post/2018/07/26/ARTE-E-SUSTENTO-OS-JOVENS-ARTISTAS-E-SUAS-ESTRATGIAS-DE-SOBREVIVANCIA> . Acesso em 25 de agosto de 2020.

SANT'ANNA, Sabrina Marques; MARCONDES, Guilherme; MIRANDA, Ana Carolina Freire Accorsi. “Arte e Política: A consolidação da Arte como agente na esfera pública”. *Sociol. Antropol.*, Rio de Janeiro , Vol. 7, n. 3, p. 825-849, 2017.

SILVA, Frederico; VIERA, Mariella; FRANCO, Barbara. *A economia criativa sob medida: conceitos e dinamismo das classes criativas*. Texto para discussão – IPEA, 2019.

TILLY, Charles. “Spaces of Contention”. *Mobilization* 5:135-60, 2000.

VANDENBERGUE, Frédéric. *As sociologias de Georg Simmel*. Petrópolis: Editora Vozes Limitada, 2019.